

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA CENTRAL DE MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO

Adna Jane Castro Barbosa¹; Dâmaris de Jesus Moreira dos Santos¹; Márcia Raquel Venturini Baggio^{2,4}; Dieniffer Wandy Monteiro Cabrelli^{3,4*}

¹ Graduanda em Enfermagem, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; ² Mestre em Enfermagem – UFMS, Esp. em Gestão em Saúde Pública – UNIGRAN, Enfermeira – UEMS; ³ Mestranda em Enfermagem – UFMS, Pós-graduanda em Geriatria e Gerontologia – UFMS, Bacharel em Enfermagem – UFMS; ⁴ Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

* autor correspondente: dikacabrelli@gmail.com

RESUMO

A história da Central de Material e Esterilização (CME) está ligada ao desenvolvimento das cirurgias ao longo do tempo. Surge então a necessidade de se instalar nos hospitais locais apropriados para esse tratamento. É na cme que se realiza o controle, o preparo a esterilização e a distribuição dos materiais hospitalares. É considerado um setor de apoio as demais áreas assistenciais da instituição de saúde. Para trabalhar nessa área e necessário conhecimentos específicos sobre a diversidade de equipamentos artigos e instrumental cirúrgico, assim como a forma de processá-los. Esses procedimentos estão destinados a equipe de enfermagem, e suas realizações contam com planejar, promover e testar os materiais, o enfermeiro precisa desenvolver habilidades gerenciais, técnicas e humanísticas para lidar com tamanha complexidade para tanto é aconselhável que o enfermeiro tenha embasamento teórico sobre os diferentes tipos de processamento de produtos, quais são as substâncias mais indicadas para cada tarefa e como avaliar a efetividade das ações. O uso de EPIs se relaciona á prevenção de contaminação nos artigos que já passaram pelo processo de desinfecção de médio ou alto nível, bem como de esterilização alem de proteger contra fluidos corporais e sangue traz mais segurança ao manejar, cabe a equipe de enfermagem fiscalizar o uso correto nos setores da CME.

PALAVRAS-CHAVE: CME; EPIs; segurança; esterilização; enfermeiro.

1 INTRODUÇÃO

O centro de materiais e esterilização (CME) possui uma história que vem acompanhando os procedimentos cirúrgicos, a fim de zelar por melhores condições de cirurgia e procedimentos invasivos nos cuidados pós-cirúrgicos. Esse setor atua visando à prevenção de infecções, mesmo que indiretamente, articulando ciência, segurança e qualidade, por meio da equipe de enfermagem (SOBECC, 2007).

O paciente internado dificilmente não necessitará de um procedimento

invasivo. A maioria dos micro-organismos que penetra na ferida operatória é transmitida nos setores críticos, como o centro cirúrgico (CC), proveniente de um reservatório ou fonte presente no campo operatório. Dessa forma, quase toda infecção é adquirida durante o período do transoperatório onde, conseqüentemente, existe maior exposição do paciente. Percebe-se a importância do CME no controle das infecções hospitalares, tendo em vista que a infecção de sítio cirúrgico é uma das principais complicações causadas em pacientes que necessitam de procedimentos cirúrgicos,

representando um desafio para os hospitais no controle e na prevenção. Assim, o instrumental a ser utilizado no paciente deve ser processado adequadamente, a fim de que esse material não se torne uma fonte de contaminação e transmissão de microrganismos (SOBECC, 2007).

O trabalho do enfermeiro de CME é bastante complexo, pois acumula características técnicas assistenciais, como a gestão de pessoas e da área física, manuseio de novas tecnologias, além da capacidade de desenvolver habilidades para resolução de problemas, propor medidas que sejam adequadas à realidade institucional otimizando o processo de trabalho (SOBECC, 2007).

A atuação do enfermeiro na CME é complexa e demanda por profissionais cada vez mais preparados para lidar com essas atividades, portanto é fundamental que o enfermeiro tenha embasamento teórico, saiba trabalhar em equipe e busque sempre por melhoria nos serviços, o enfermeiro é responsável pelo gerenciamento e pela operacionalização de todas as etapas que integram o processamento de materiais, além de supervisionar as atividades da equipe de enfermagem, exige conhecimentos específicos relacionados aos diversos equipamentos, artigos instrumental cirúrgico e a forma de processá-los, como também sobre o gerenciamento do CME (SOARES, 2003).

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo revisão de literatura, que se caracteriza pela análise e síntese da informação disponibilizada por estudos relevantes publicados sobre um determinado tema foi realizada uma busca nas bases de dados eletrônicas Scielo, Google acadêmico e uma pesquisa com enfermeira da CME.

2 CLASSIFICAÇÃO DE CLASSES

A classe 1 são aquelas que possuem processamento de artigos

hospitalares críticos, não críticos e semi-críticos, mas de conformação não complexa e que são passíveis de processamento. Já a classe 2 é a central em que há o processamento de artigos hospitalares críticos, não críticos e semicríticos, de conformação complexa e não complexa, que são passíveis de processamento. Além disso, a Central de Material e Esterilização também pode trabalhar de três maneiras diferentes de acordo com cada funcionamento.

2.1 Descentralizada

Neste funcionamento, cada unidade hospitalar, ou seja, cada área do hospital, possui uma Central de Materiais e Esterilização própria que se responsabiliza por todo o processo de limpeza e esterilização dos instrumentais médico hospitalares que são utilizados na instituição.

2.2 Semi-centralizada

Já a Central de Materiais e Esterilização semi-centralizada adota um sistema no qual cada unidade hospitalar realiza um preparo inicial dos instrumentais sujos que foram utilizados em procedimentos para depois encaminhá-los para um setor que irá fazer a esterilização dos instrumentais de todas essas unidades em um único local do hospital.

2.3 Centralizada

Neste tipo todos os instrumentais de todas as unidades hospitalares são preparados, esterilizados e distribuídos em uma única Central de Materiais e Esterilização que deve atender a todos os setores, utilizando os mesmos processos de limpeza e esterilização dos instrumentais que circulam nas dependências da instituição.

3 ARTIGOS DA CME

Os artigos são classificados de acordo com o risco e potencial de contaminação que oferecem. Após a

realização de qualquer procedimento de saúde, os materiais utilizados passam a conter matéria orgânica com sangue, pus, fezes ou lubrificantes, mesmo que invisíveis a olho nu. Essa matéria orgânica promove a formação do biofilme, que é uma organização das bactérias que adere na superfície úmidas formando uma colônia protegida por uma matriz.

Essa matriz impede a entrada de antibióticos, protegendo as bactérias, fazendo com que esses materiais, mesmo depois de lavados e limpos, promovam infecção hospitalar. Dessa maneira, depois de lavados e limpos, esses materiais necessitam de passar por processamento de desinfecção e esterilização, a fim de eliminar essas bactérias. Além das bactérias, ainda temos outros microrganismos causadores de doenças, como os fungos, algas, protozoários e vírus.

3.1 Artigos críticos

São aqueles que entram em contato com tecidos estéreis ou com o sistema vascular, além de penetrar em órgãos e tecido. Por sua natureza, exigem esterilização para satisfazer as recomendações necessárias. São exemplos de artigos críticos: agulhas, instrumentos cirúrgicos e soluções injetáveis.

3.2 Artigos semicríticos

São aqueles que entram em contato com a mucosa e pele não íntegra do paciente ou com mucosas íntegras e, devido a estas características, exigem desinfecção de médio ou alto nível. O risco que oferecem quanto à infecção é intermediário. A desinfecção deve ser realizada com saneantes específicos e determinados para este fim. São exemplos de artigos semicríticos: material para assistência ventilatória, espéculo otológico e circuitos.

3.3 Artigos não críticos

São aqueles que entram em

contato com pele íntegra e superfícies, sendo o risco de transmissão de infecção baixo. Se eles forem contaminados com matéria orgânica, devem receber desinfecção de nível baixo e, se não estiverem contaminados, recebem apenas limpeza.

4 GARANTIR O USO DO EPIs

O uso de equipamentos de proteção individual (EPI) pelos profissionais que atuam no centro de material esterilizado (CME) auxilia na diminuição de acidentes de trabalho ou de doenças ocupacionais decorrentes do uso de produtos químicos ou contato com materiais biológicos (BRASIL, 2010).

Para os profissionais que realizam desinfecção química no CME, é recomendado o uso de luvas de borracha, óculos de proteção, avental impermeável e máscara com filtro químico. Com base no exposto, o objetivo do estudo foi avaliar o uso de equipamentos de proteção individual (EPI) durante o processo de desinfecção química de artigos semicríticos em um hospital escola (BRASIL, 2001).

O equipamento de proteção individual é uma estratégia de contenção de contaminação mediante a exposição de artigos contendo fluidos corporais e sangue do paciente proveniente dos setores cada componente do EPI tem sua função, incluindo a proteção tanto contra partículas contaminadas de aerossóis quanto no manuseio do artigo (luva) ou na prevenção de respingos em outros locais da roupa do funcionário (BRASIL, 2001).

Nas outras áreas da CME, o uso de EPI, se relaciona à prevenção de contaminação nos artigos que já passaram pelo processo de desinfecção de médio ou alto nível, bem como de esterilização.

Promover interações entre as áreas da CME devem ser divididas em expurgo, preparo do material. Cada uma delas tem características e rotinas

diversas, que demandam domínio das atividades e relevância ao executá-las. Portanto, cabe aos enfermeiros a fiscalização do uso correto dos EPIS em todos os ambientes da CME, tanto como método de prevenção quanto para cumprir as exigências legais preconizadas pela legislação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas pesquisas feitas do papel do Enfermeiro na CME, identificou-se a gerência como sua principal atividade, a qual sabidamente abarca diversas funções, planejamento, elaboração de instrumentos administrativos e operacionais, administração de recursos materiais. O relato da Enfermeira queixou a falta de recursos para desenvolver um trabalho mais eficiente em relação à falta de materiais e problemas dos equipamentos que sempre precisam de manutenção. Considerando o processo de esterilização do material cirúrgico é possível perceber que alguns profissionais mostram ter algumas informações sobre as etapas envolvidas no processo, pois não souberam detalhá-las. Nota-se que emergem dúvidas e inseguranças durante o processo, assim como a certeza de que o ambiente não é adequado para o desenvolvimento do trabalho, comprometendo seriamente a eficácia da esterilização.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, G. A.; SANTOS, I. B. C.; OLIVEIRA, E. F. Reflexões sobre o desempenho dos colaboradores no centro de material e esterilização. *Rev SOBECC*, v. 11, n. 4, p. 31-36, out.-dez. 2006.

BECK, C. L. C. et al. Fatores que favorecem e dificultam o trabalho dos enfermeiros nos serviços de atenção à saúde. *Esc Anna Nery.*, v. 14, n. 3, p. 490-495,

jul.-set. 2010.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária Segurança do paciente em serviços de saúde: limpeza e desinfecção de superfícies/Agência Nacional de Vigilância Sanitária. – Brasília: Anvisa, 118 p., 2012. Disponível em: <<http://portal.saude.pe.gov.br>>. Acesso em 02 de out. de 2019.

BRASIL. Anvisa. Segurança do paciente em serviços de saúde: limpeza e desinfecção de superfícies. 2010.

BRASIL. MS. Orientações Gerais para Central de Esterilização. 2001.

CECCIM, R. B. Educação permanente em saúde: descentralização e disseminação de capacidade pedagógica na saúde. *Ciênc Saúde Coletiva*. v. 10, n. 4, p. 975-986, dez. 2005.

CRUZ, E. A.; SOARES, E. Prática de enfermagem em central de material e esterilização: uma abordagem estrutural das representações sociais. *Rev Enferm. UERJ*. v. 11, n. 2, p. 159-164, ago. 2003.

LOPES, D. F. M. et al. Ser trabalhador de enfermagem da unidade de centro de material: uma abordagem fenomenológica. *Rev Esc Enferm USP.*, v. 41, n. 4, p. 675-682, dez. 2007.

SILVA, A. C. O enfermeiro na central de material e esterilização: invisível, mas essencial. [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem; 2007.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENFERMEIROS EM CENTRO CIRÚRGICO. Práticas recomendadas-SOBECC. 4ª ed. São Paulo (SP): SOBECC; 2007.